

04 **AMPOLA MIRACULOSA**

05 **JOSÉ BRAGANÇA DE MIRANDA**

Sexta-feira | 16 de Janeiro de 2015 | Negócios



ANABELA MOTA RIBEIRO

MIGUEL BALTAZAR



Todos têm uma visão napoleónica da política enquanto estão em casa a ver televisão

É agora começamos o ano e queremos que não seja sempre a mesma cantiga. O que esperar de 2015? José Bragança de Miranda, ensaísta, professor da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade Lusófona, usa palavras como "estrolar", expressões como "a verdade toda". A verdade tem uma camada que não é imediatamente percebida. Há uma infinidade de linhas, uma teia complexa, que subjaz à leitura apressada de todos os dias. De que ponto olhamos para a teia? Questão central, segundo o ensaísta. Somos Napoleão ou peão?, alimentamos ilusões ou atemo-nos à realidade? As suas questões e obras são da comunicação e cultura, mais do que tudo. A formação de base é em Sociologia. A citação mais recorrente foi Marx. Não tem uma conversa apocalíptica. Apesar da má poesia, entristecida e amarga, que se ouve por aí.

Uma palavra para 2015?

[pequeno silêncio] Regresso? Que o país tenha condições para que a nossa pequena diáspora comece a regressar a casa. Que tenha confiança no país. Que possa fazer a vida tranquilamente, com alegria.

Isso exprime um desejo, e menos uma convicção.

Sim. Mas se não for o desejo (que alimenta as convicções) nada se tornará real, não é? No real só se inscreve aquilo que, com uma certa força, tem capacidade para o transfigurar. Sem começar pelo desejo, o real será a repetição do mesmo.

Uma das coisas que se perderam nestes anos de crise foi, justamente, o desejo?

O desejo é ao mesmo tempo uma força impulsionadora e qualquer coisa que nos pode armadilhar. Como todas as forças, pode ser domesticada, canalizada, transformada. É importante que o desejo surja liberto de constrangimentos que o têm amarrado (o medo, a amargura). O Rousseau, quando dizia que somos prisioneiros das nossas necessidades, dizia que o nosso desejo tinha sido objectivado em torno de um conjunto de coisas que tinham mais força que essa capacidade de sonhar.

A sociedade portuguesa está mais pobre e exaurida. As pessoas estão tolhidas pelo medo, pela necessidade?

A crise, o desespero em relação à Europa, um desalento geral com a política são prejudiciais a esse desejo livre que nos faz procurar o que nos falta, a felicidade.

A palavra de 2014, a partir de uma escolha promovida pela Porto Editora, foi "corrupção".

Acho um exercício um pouco estéril. Não é possível pôr a plebiscito as palavras. Há no dicionário palavras esplêndidas, e bem mais bonitas, que não foram tão usadas, mas que são mais vitais para todos nós. [O exercício da escolha é uma de várias] estratégias de impor uma gramática política.

Mesmo que seja um exercício estéril, condiz com os balanços que foram feitos. Nas narrativas sobre o ano findo, o tema da corrupção e da justiça foi dominante.

Se pensarmos no discurso público, o que passa nos média e sobre o qual se podem fazer estatísticas... Muitas vezes, o que parece ser o essencial acaba por ocultar qualquer coisa que é verdadeiramente mais importante. O nosso problema é mais a qualidade da política do que a corrupção.

Explique isso.

É a inexistência de uma prática política coerente que faz com que questões de ordem criminal ou judicial se tornem questões centrais no espaço público.

A questão central pode ser a ausência de política? Estamos falhos de ideologias, todos o dizem. A política surge como uma coisa longínqua e ocupada pela economia e pela justiça.

É o problema de definição de política que é o complicado. A política, como diz o termo, tem a ver com o bem comum. Tem a ver com a multidão e as decisões que a multidão toma. A política formal não consegue dar conta da dimensão política no seu conjunto (do desejo de felicidade e tranquilidade da multidão). Verificamos que a restrição da política ao puro formalismo tem limitações; por outro lado, verificamos a incapacidade do puro formalismo político de conseguir defender-se das suas relações com a economia, a globalização, a lógica mundial do capital (que fazem com que a política formal entre em crise). Os que pedem que a política formal resolva tudo têm como consequência que ninguém faça o que tem que fazer.

Ficará sempre alguém do que é desejado e esperado?

Fica sempre algo de fora. Mas só há uma vida política saudável se a comunidade for politicamente activa e não depender apenas dos processos formais, por mais importantes que estes sejam. Cada vez há uma sensação maior de que a política centrada em jogos de toma do Estado ou do poder está cada vez mais longe da sensibilidade política das populações. Esta sensibilidade expressa-se de outras maneiras que não, apenas, o orçamento do Estado ou os negócios estrangeiros. Expressa-se na própria vida.

Como é que se transpõe esse abismo? Como é que a política formal, da qual fazem parte as instituições, os partidos, os políticos, e a política que tem em si a definição de polis universal encurtam a distância que

>>> página 6

>>> página 5

os separa (uma distância que nunca desaparece completamente)?

Uma política formalizada implica uma separação, uma fronteira. Esse é o seu valor e é também o que a torna problemática. O Mallarmé dizia que na nossa cidade existe uma outra cidade, e que essa é a cidade dos humanos. Não é apenas a cidade daqueles que a habitam, que são proprietários dela, que nela são forçados a viver. Existe uma outra cidade. Essa frase do Mallarmé pode ser aplicada à política. Além da política formal, existe uma outra política, que tem a ver com a comunidade dos humanos e não com a comunidade daqueles que fazem parte de uma estrutura formal, rígida. Se aceitarmos que a dimensão política essencial é a dos que habitam a Terra no seu conjunto, serão mais fortes politicamente os actos que são capazes de dar sentido a esse habitat humano da Terra. Esta tensão tem de estar dentro da política, senão facilmente é capturada por outros poderes (económicos, militares, de soberania).

A política tem a ver com a sua dimensão espacial. Quando se olha para a Europa, quando se diz que é pela Europa que se resolverão os problemas... A antiga definição de soberania [alterou-se]. De que âmbito espacial estamos a falar?

Enquanto a política europeia não se resolve...

É essencial o modo como na Europa se vê a democracia. Sentimos que mesmo em países democráticos há um certo pavor quando o povo exerce o voto.

Pavor? É uma palavra muito forte.

Vejamos a Grécia. Está tudo preocupado. Começa a haver uma tensão entre a democracia formal e a prática dela pela população. Começa a haver, da parte dos poderes, um desconforto com a prática da democracia. Nesse sentido, a luta pelo alargamento e sustentação da democracia é crucial. Se não houver uma visão universal, se nos for indiferente o que se passa na China ou no Paquistão, isso será uma forma de vida impolítica. Essa indiferença não é aceitável.

Não somos indiferentes ao que se passa no Paquistão ou na China, mas a nossa aventura tem um horizonte curto. Vivemos presos a uma geografia de todos os dias, ao café da esquina, à conversa banal.

A democracia é um anteparo e um obstáculo aos absolutismos. É o que impede que a crise geral se desenvolva. Daí a importância vital de a defender.

Olhemos para 2015, que vai ser um ano de eleições e, portanto, um ano em que se reconfigura a distribuição dos poderes. O terreno é movediço. Muita coisa pode mudar – nem que seja para que tudo fique na mesma.

O que é que caracteriza a política moderna? Na Idade Média, se o senhor ou o rei morriam havia uma crise tremenda. Na Modernidade, o rei é morto de quatro em quatro anos. Que isso possa ocorrer, é fundamental. É evidente que todos os poderes tentam controlar esse momento de crise (em que sai um poder e se instala outro). O que torna saudável a Modernidade política é ter incluído no seu modelo a substituição dos senhores. Só funciona por essa deposição. Significa sempre uma instabilidade para os poderes e um momento de exultação para aqueles que vão participar na decisão (os que sentem que o seu voto vai ter peso na decisão).

Apesar dos constrangimentos que resultam de pertencermos ao espaço europeu, dos tratados assinados, das obrigações, faz diferença substantiva, na maneira como lidamos com isso, ser um governo de esquerda ou de direita,

“

Sentimos que mesmo em países democráticos há um certo pavor quando o povo exerce o voto. Vejamos a Grécia. Está tudo preocupado.

ser o líder A ou B?

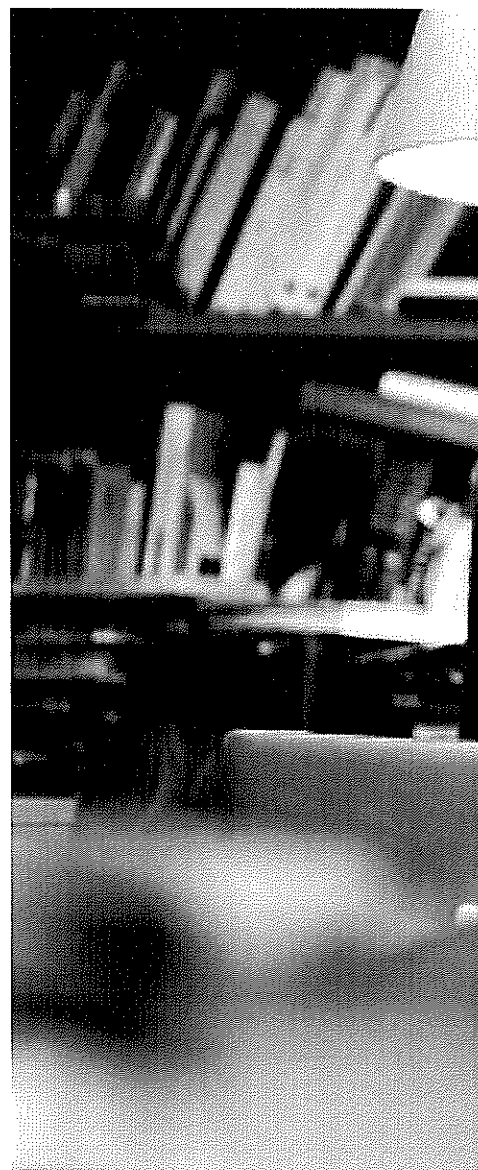
Faz toda a diferença, apesar das limitações. O capitalismo é um processo mundial. Não há nenhum pequeno nem grande país que consiga controlar o seu conjunto, mas é possível ter uma relação com ele diferente – e depende dos programas. Num espaço tensional como é o da Europa, há uma diferença que conta, para grandes e pequenos países. É a capacidade (ou não) de, perante forças que parecem excessivas, decliná-las ou reorientá-las. A diferença é, como os antigos navegadores, que não conheciam o mar e os ventos, saber usá-los – para não serem destruídos no processo. Boa parte da diferença política tem a ver com a capacidade de afrontar essas forças sem ser destruído por elas.

É preciso saber medir a força do vento.

Quando se é grande, pode-se viver na ilusão. Quando se é pequeno, tem de se viver na verdade. Não saber ler os sinais, iludir-se sobre os sinais, significa ser destruído.

Coisa concreta: renegociar a dívida, sim ou não? Discutir a dívida é ilusão?

Antes de responder, uma cautela. Quando falamos, de onde falamos? É o que me espanta quando vejo alguns políticos e analistas e pessoas nos cafés. Por exemplo, se sou Na-



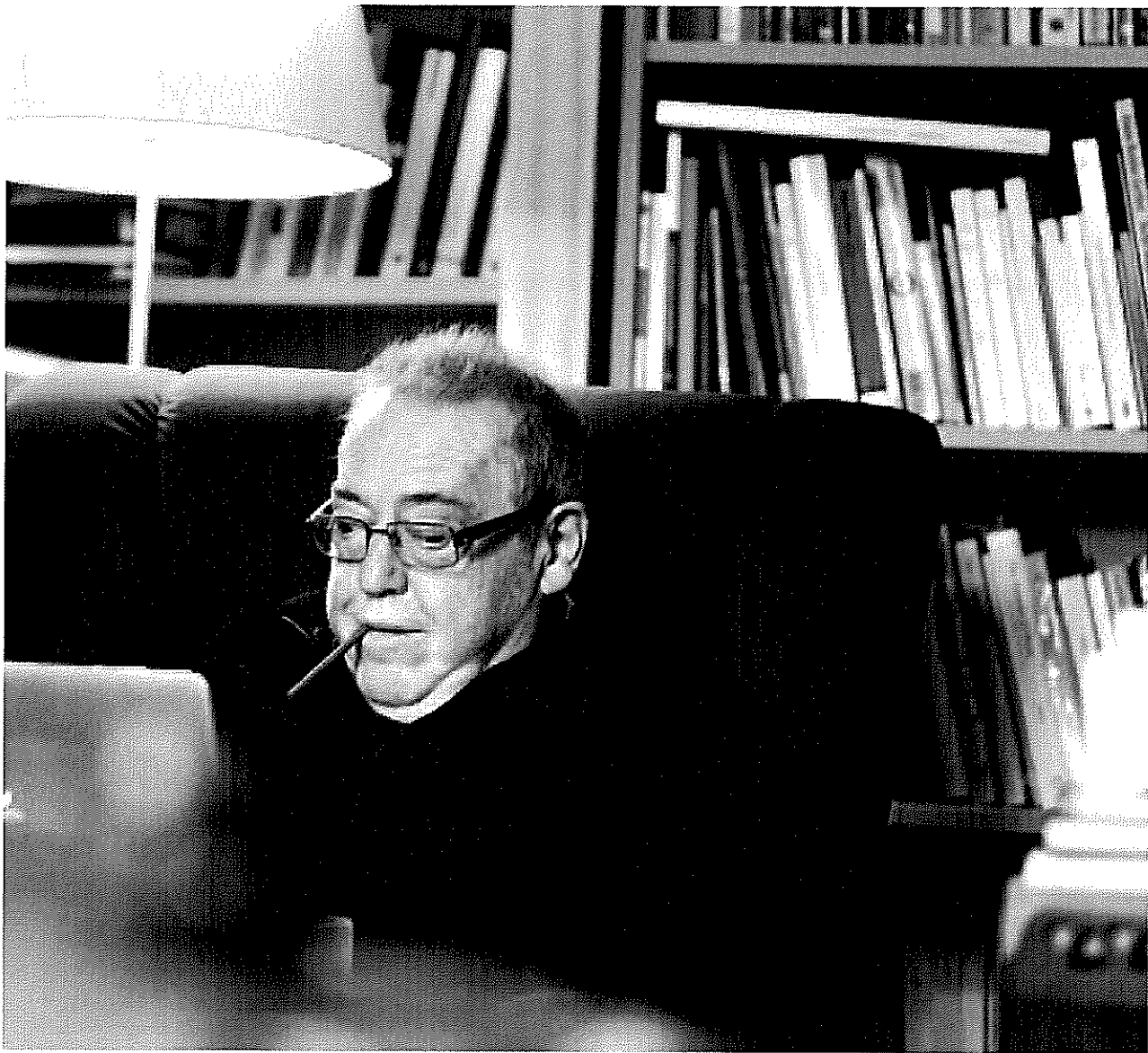
poleão posso falar da conquista do mundo. Se não sou, não posso. As pessoas têm de saber onde é que têm os pés. A renegociação da dívida é uma questão de um Estado que tem acordos, regras, tratados sobre os quais não se pode falar levemente. Podemos falar sobre tudo, mesmo que a nossa palavra não signifique rigorosamente nada (a não ser naquele dia em que vamos votar). Mas todos falam como Napoleões quando são pequenos peões. Todos têm uma visão napoleónica da política enquanto estão em casa a ver televisão. Isso, para mim, faz parte do reino da ilusão.

Um grande império pode tê-la. Ele impõe-na. Um pequeno país não pode viver de ilusões. Tem de viver da capacidade de que tem de ler [os sinais], medir as suas forças, encontrar os seus aliados. Não pode dar saltos no vazio.

Só espero que quando formos a eleições, os argumentos e as consequências [num sentido ou noutro, da renegociação] sejam claros e evidentes.

Politicamente, a decisão de renegociar, ou não, está ocupada. Grosso modo, pode dizer-se esquerda é a favor, a direita é contra.

O movimento pela renegociação tent economistas de direita. [riso] Se a clivagem esquerda-direita é entre renegociar/não negociar não me sinto entusiasmado, pessoalmente.



Há uma judicialização da própria vida. Nunca houve tanta regra.



te, a tomar posição. À partida, a discussão está armadilhada. Ninguém nos está a pedir que pensemos. Estão apenas a pedir que os apoiemos.

O Syriza, ao que tudo indica, vai ganhar as eleições na Grécia. Era impensável há um ano. Uma das suas bandeiras é a renegociação da dívida. Isto relança a questão em Portugal.

Não sabemos o que vai acontecer na Grécia. Diria que é um bom laboratório. Tudo depende do que dessa experiência possa sair e o que esse laboratório nos pode ensinar. Imaginemos que a renegociação não é aceite pelos credores e que a Grécia decide não pagar a dívida ou abandonar os tratados europeus... Temos que reconhecer que é uma decisão radical, importante, para perceber quais são as possibilidades que um pequeno país tem perante forças desmesuradas de encontrar outras formas de organizar a economia, a vida. A renegociação, em si, é nada.

É nada? Como assim?

O que está em causa é, se o Syriza tiver razão, a possibilidade de inventar novas formas de vida política. O capitalismo nesta fase especulativa mundial não é controlável por nenhum espaço em particular, a não ser que fosse possível que alguém se fechasse e criasse uma ilha. A clivagem renegociação/não-renegociação é uma mí clivagem. A boa clivagem é: é possível outras

formas de vida ou não. É possível outras formas de convivência política ou não.

Mesmo mantendo esta forma de vida, tem de ser possível entendermo-nos de outra maneira que não esta em que estamos capturados pela finança e pela entidade abstracta que dá pelo nome de mercados. O Papa foi ao Parlamento Europeu fazer apelos neste sentido.

Na prática, a crise trouxe na Grécia, em Portugal, a obrigação de reinventar novas formas de vida. É possível generalizar esse tipo de experiências e criar espaços políticos isolados dessas forças planetárias? A dificuldade com que estamos confrontados é que somos remetidos para problemas infra-políticos.

A política passa sempre por uma linha divisória que coloca uns de um lado e outros de outro. Durante muito tempo, algumas pessoas que fresleram Marx transformaram essa linha de clivagem na oposição esquerda-direita, como se essa fosse a boa clivagem. A boa clivagem política tem a ver com coisas muito concretas. Com capacidade de dar a ver quais são os problemas cruciais. Boa parte das clivagens neste momento não são políticas. Resultam de uma posição pré-determinada. Por exemplo, haver dívida ou não. Mas espera-se que seja no confronto político que os problemas se diferenciam, que ganhe nitidez aquilo que é essencial, e que isso nos permita tomar uma decisão.



acesso à saúde. É uma luta histórica que fez da Europa um espaço político que temos mesmo que defender! Mais ninguém o defende no mundo se não formos nós. Discute-se que soluções podemos esperar, da crise do Estado assistencial. Como defender isso? Enquanto pessoas que tinham atingido um estado de segurança não foram tocadas, a alegria era geral. Mas o povo vivia mal.

A crise foi de tal modo aguda para a classe média que parece que o apocalipse ocorreu.



Tínhamos a ilusão de que vivia menos mal do que já tinha vivido.

Como nós vivíamos bem, [tínhamos a ilusão de que] o povo vivia bem também. A crise foi de tal modo aguda para a classe média que parece que o apocalipse ocorreu. A resposta política tem que ser para a comunidade de cidadãos e não pode ser para a classe média ou para um determinado estrato social. A crise mostrou que a comunidade política é uma unidade e é nela que temos que pensar, e não na classe média ou nas elites.

De um ponto de vista cultural, quando olharmos daqui a 20 anos para o que agora se está a fazer, vai sobressair o quê?

Isto de que estamos a falar é muito marcado por dois fenómenos planetários. O capitalismo (que não cabe num país) e o conjunto de tecnologias de que dispomos. A técnica já não está centrada sobre a produção mas sobre as relações. Isso permite que pequenos actos volte a contar. Aquilo de que falámos na entrevista tem a ver com os grandes actos. Os Estados, os grandes senhores, perante os quais o pequeno nunca contou. Hoje a dimensão do menor começa a ter peso e difunde-se.

Nem que seja porque uma pessoa, no Facebook, num blog, pode inscrever-se, vincar a sua singularidade, com um simples post.

Pode. E pode, com o telemóvel, fazer um filme e metê-lo no Youtube. Ou escrever um texto e pô-lo a circular. Independentemente das políticas culturais, sobre as quais não vale a pena falar, Portugal está numa fase muito produtiva. A capacidade de inovação, de experimentação tem vindo a crescer em catadupa, vinda um pouco de todo o lado e aproveitando as novas condições. Os meios de produção são cada vez mais baratos. Basta ter um telemóvel e temos um meio de produção. E os meios de circulação são também universais.

Quê é que marca a diferença no pequeno gesto? A força da

ideia?, a audácia, a originalidade?

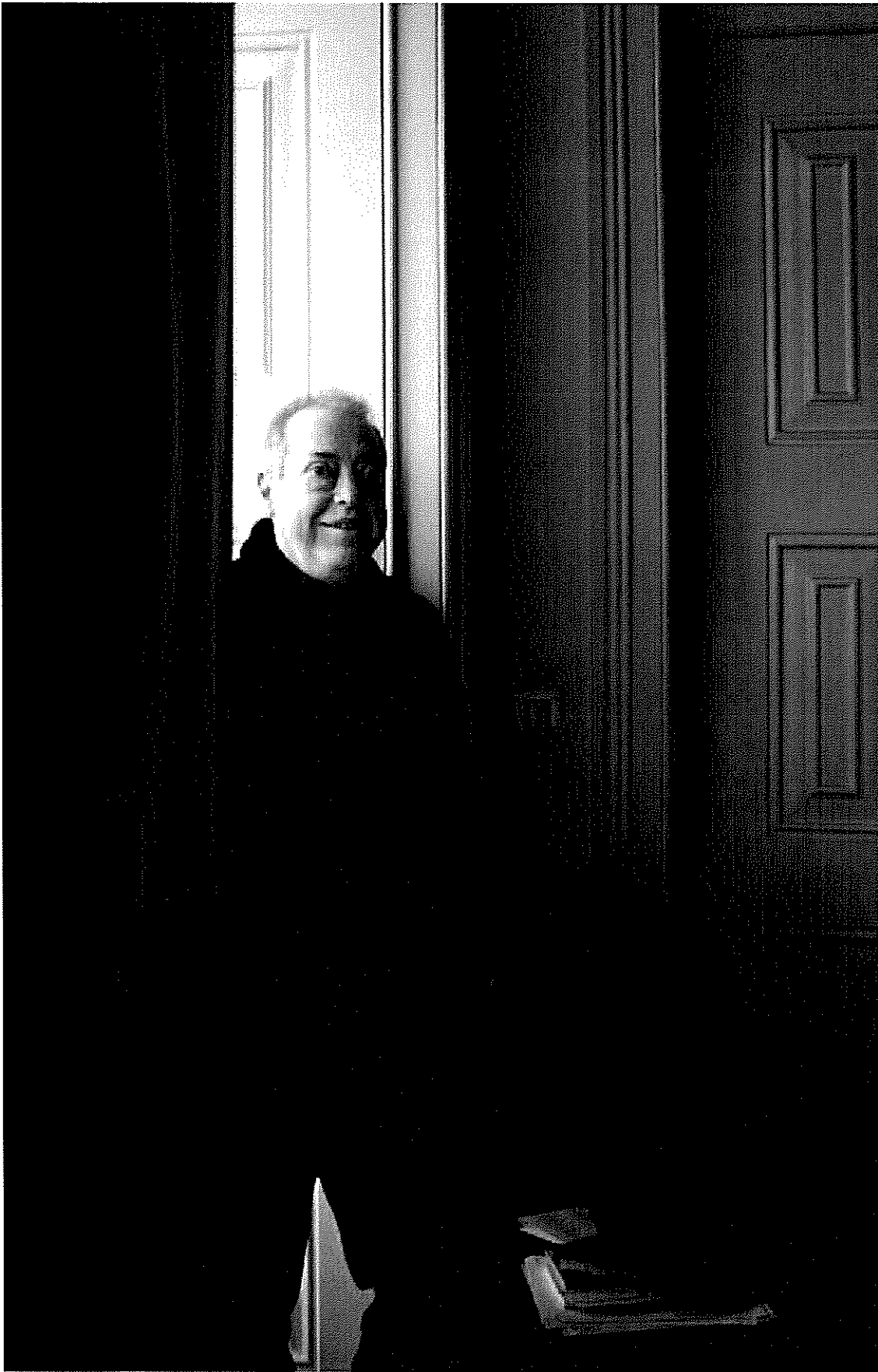
Diria que é o facto de ter posto em crise a clivagem do que faz e do que vê. Do autor e do espectador. Todos somos ao mesmo tempo autores e espectadores. Todos estamos a produzir e a consumir. Os jovens portugueses, os artistas portugueses, têm revelado uma capacidade enorme de intervir, de ideação. Basicamente o que é mais universal são as ideias. O pensar. A experimentação sobre a imagem. O arriscar cada vez mais na escrita e isso não ser um fenómeno marginal. Isto corresponde a algo novo.

Tem sentido isso nos seus alunos?

Tenho. Contrariamente às lamentações gerais, são bem formados, capazes, resistentes em termos individuais, disponíveis para encontrar as suas afinidades, tornarem-se produtivos aproveitando os meios que estão ao seu alcance. É uma mudança radical. Marx refere que os meios de produção estavam todos de um lado e que a grande maioria estava dependente da utilização de meios de produção de outros. O que é que se passa? A tecnologia actual é de tal maneira plástica, a sua difusão é de tal maneira universal que toda a gente readquiriu capacidade de fazer. Isso dá-lhe também a possibilidade de intervir politicamente a vários níveis.

É uma intervenção num plano diferente do da política formal.

A única maneira de política formal não ficar fechada e estiolada, num movimento de inércia (um pouco como a roda da bicicleta do Duchamp, que roda por rodar, sem dirigir-se para nenhum sítio); a única maneira de os automatismos não levarem ao colapso desse sistema formal passa pela capacidade de criar novas experiências, novas comunidades, dar visibilidade a novos problemas. Por isso não vejo com desespero o futuro. Daqui a 20 anos teremos criado pessoas que foram mais capazes de se individualizar e de ganhar força nesses processos de individualização do que acontecia há 20 anos atrás. w



Se sou Napoleão posso falar da conquista do mundo. Se não sou, não posso. A renegociação da dívida é uma questão de um Estado que tem acordos, tratados sobre os quais não se pode falar levemente.